



UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Letras e Artes

Escola de Belas Artes

Dep. BAB – Curso de Graduação em Pintura

Luanna Cinthia Jeronimo de Oliveira

Nome Artístico (LU.CI)

Relicário

2020

DRE:116056989

Luanna Cinthia Jeronimo de Oliveira

Relicário

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Pintura (Belas Artes), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de bacharel em Pintura (Belas Artes).

Orientador: Pedro Meyer Barreto

Rio de Janeiro

Outubro de 2020

Relicário

Luanna Cinthia Jeronimo de Oliveira

Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Pintura da Escola Belas Artes - da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Aprovada por:

Orientador: Prof. Dr. Pedro Meyer Barreto. EBA/UFRJ

Prof. Me. Ricardo Antonio Barbosa Pereira. EBA/UFRJ

Prof. Dr. Julio Ferreira Sekiguchi. EBA/UFRJ

Rio de Janeiro

Outubro de 2020

CIP - Catalogação na Publicação

0048r Oliveira, Luanna Cinthia Jeronimo de
Relicário / Luanna Cinthia Jeronimo de
Oliveira. -- Rio de Janeiro, 2020.
35 f.

Orientador: Pedro Meyer Barreto.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2020.

1. Autocura por meio da arte. 2. Arte como meio
de autoconhecimento. 3. Pintura atrelada à poesia.
I. Barreto, Pedro Meyer, orient. II. Título.

**A minha avó Aurelice
E todas as mulheres que me antecederam.**

Agradecimentos

Agradeço enormemente à todos que me ajudaram nessa empreitada, à Wallace M. da Hora, que acreditou em mim quando nem eu acreditava e me apoiou de todas as maneiras quase todo o tempo, Minha mãe Ana Lucia que sempre esteve do meu lado, minhas irmãs Ester e Mikaelly pelo incentivo, meus amigos e colegas pelas trocas, críticas, em especial Bruna Rafael e William Maia, e todos os meus professores por todo conhecimento compartilhado, paciência e compreensão, gratidão.

Resumo

Como método de autoconhecimento e autocura foram utilizados o fazer artístico de pinturas e poemas que conversam entre si, realizados tendo como base a autoavaliação, acompanhamento de diário dos sonhos e outros elementos que permeiam o universo magístico e psíquico. Não se trata de um trabalho concluído, uma vez que o autoconhecimento é um processo para a vida inteira, mas mostra a arte como um caminho, um estilo de vida.

Sumário

1 Introdução.....	9
2 Primeira parte.....	10
3 Segunda parte.....	29
4 Citações.....	34
5 Bibliografia.....	35

Introdução

A arte para mim é sobre tudo que eu não consigo falar, é sobre tudo que fica entalado na garganta e que eu transfiro para tela ou papel através de pintura ou poesia. Essa voz imagética que escorre pelos meus dedos aos borbotões, que brota em minha mente após passarem pelo filtro dos meus olhos e amadurecer no meu coração.

Essa voz que começa tímida e termina com um grito visceral vem falar de forma despidorada sobre todos os seus traumas desde a infância até os dias atuais,

As memórias são combustível para a voz, boas ou más as lembranças constituem esse coração de menina/mulher que vos fala, nítidas ou embaçadas, essas lembranças vão se entrelaçando, criando um repertório imagético que se condensa em poesia ou pintura, muitas vezes em ambas.

*A arte é uma garantia de sanidade, e eu **...pinto porque preciso, e pinto tudo que passa em minha cabeça.... Me aproprio destas para fazer um apanhado geral do meu trabalho. Acrescento ainda que a arte, especialmente a pintura pode ser um tipo de magia, assim como nossos ancestrais acreditavam nisso, eu também acredito.

Minha pesquisa é intimista e não tem nenhuma base que não as minhas próprias experiências pessoais e íntimas. Pinto-me, escrevo-me, em busca de mim mesma, para continuar vivendo, continuar sonhando. Parte dessa pesquisa baseia-se nas anotações que tenho feito no meu diário dos sonhos, que têm sido elemento importantíssimo na minha poética como um todo e nessa busca do autoconhecimento, autocura e sobrevida através da arte e também minhas experiências espirituais mais recentes que renderam ensinamentos valiosíssimos.

Primeira Parte

Acredito que de forma meio inconsciente quando dei início ao trabalho de conclusão eu tenha seguido um caminho muito próximo do trabalho realizado pela cantora islandesa, Björk em seu álbum Vulnicura de 2015 (que virou inclusive, uma exposição que une arte e realidade virtual chama Björk Digital, que chegou ao CCBB RJ em março de 2020), que numa tradução livre significa autocura, nesse disco suas músicas tratam em ordem cronológica o fim de seu casamento, desde a crise até o pós separação, assim como foi para ela fazer esse disco, o ato de escrever e pintar me ajuda à expurgar minha dor.

*

Tomo para mim a maternidade

De homens já feitos

De cujas bocas saem súplicas

Uns sussurros apaixonados

Exasperados quase dóceis, quase irresistíveis

Uma parte de mim tenta se convencer

Que as feras também merecem uma chance

Outra parte está convicta de que tudo são tetas

No fim percebo-me também fera

E que tudo termina em merda

Astros e linhas me advertem

Apontam direções

Minhas mãos se abrem em feridas de décadas atrás

E mostram a sombra que me arrasta pelo pé

Meu coração estagnou aos sete anos

Eu desejo todo o amor do mundo
Mas os homens não sabem como me amar

Tenho a tempestade de raios na cabeça

Carrego a coruja no peito

E feitiços mil no regaço

Os homens não sabem repartir

Sou feita de terra e água e desânimo

E mudo com a lua

Os homens não têm ouvidos para a música da madrugada

Ou sensibilidade para ver que meu sexo é deus

E é preciso respeito e paciência

Nem mesmo sabem ler os sinais

Homens feitos querem tetas e bucetas para se lambuzar

Mas esquecem que tudo isso é deus

E o fazem sem o mínimo de reverência

Pecam miseravelmente

Homens bêbados fazem declarações de amor

E pedidos de casamento e de perdão

E fazem oferendas de lágrimas em encruzilhadas

E se lamentam para a lua que já se deitou

Eu sou viciada em pensar

E eu penso melhor enquanto como as unhas

Por isso me doem as pontas dos dedos
E os homens não sabem amar essas coisas

Meu “não” se torna tão inútil
Quanto perguntar a um cão se ele morde
Acordo cansada depois de uma viagem astral
Onde como cães, sofás e cabeceiras com minha buceta
E ninguém pode entender essas coisas
Nem os homens sabem como me amar
E eu estou presa em areias movediças

Que brotam de mim

Meu coração estagnou aos sete anos
Mas eu já não cubro o rosto à noite para me proteger das bonecas

Nem rolo para debaixo da cama

Eu já tive catapora e poltergeist

Parei de roer as unhas dos pés

Mas ainda sou viciada em pensar

Meus pensamentos não lineares

Sentimentos etéreos

Coleciono mágoas tardias

E não sei ser amada pelos homens

14/01/2019

*



LU.CI

Autorretrato triplo onírico

Óleo sobre tela

60X80

2017

Autorretrato triplo onírico é um trabalho de 2017 desenvolvido a partir de um sonho que eu tive quando criança, além de ser um sonho singular, o mais curioso é que lembro de sonha-lo pelo menos três vezes. Numa cidade à noite minha mãe me deixa e sai andando sem olhar para trás eu tento chamá-la mas não tenho voz, também não consigo ir atrás dela, minha mãe segue impassível rumo a uma espiga de milho gigante que se encontra dentro de um copo também gigante localizado no fim de uma longa avenida com prédios muito altos. Em outro sonho mais recente, uma serpente de cor azul cintilante queria pegar algumas crianças, eu tentava

defende-las e ela me picava, quando tentava matá-la, ela então virava uma minhoca e se escondia num buraco no chão.

Na pintura, a serpente me enlaça, é sufocante e aterrorizador, um medo que me impede de seguir, de me aventurar, olhando a cena tristemente estou eu menina que não pode fazer nada, atrás está uma figura que segue sem olhar para trás, desta vez não é minha mãe, mas eu mesma que decido me permitir ser feliz, sigo rumo a essa imensa espiga de milho, símbolo solar de alegria, fertilidade entre outras coisas boas. Para compor a cena usei fotos minhas, atual e de infância e fotos do google, algumas coisas fiz de memória.

*

Sinto-me morrer

Pensas tu que não passa de loucura minha

Mas desta vez eu juro

Não é minha hipocondria

Se não for câncer é tristeza terminal

É como se recebesse na veia

As angústias todas

De Frida e Leonor

Florbela e Virginia

Rapidamente e fatal

Numa traição Shakespeariana

Prestes a cair num buraco sem fim

Num dos contos de Baroja.

10/11/2018

*



Seguindo em frente, trabalho de 2018 em acrílica e óleo sobre madeira, e uma de suas referências, onde trato também de um rompimento amoroso, mas descrevendo aspectos bem diferentes do tríptico “Rainha de nada”, além de cômico, retrata uma paisagem árida que remete às minhas origens nordestinas.

*

Ouvi dizer que a poesia está no ar

E é de quem pegar primeiro

Mas aqui o ar está morto

E o vento não sopra nada além de dores podres,

Sentimentos esquartejados

E indefiníveis.

10/11/2018

*



LU.CI

Referências fotográficas para Rainha de nada I





LU.CI

Rainha de nada I (Queda)

Acrílica, óleo e pastel oleoso sobre três portas de madeira

1,87mX95cm

2019

Em Rainha de nada I (Queda) usei fotos autorais, inclusive um autorretrato, e uma foto de uma rainha de xadrez achada no google, o ambiente foi feito de memória, propositadamente retorcido, como se o chão se rebolesse todo para em seguida sumir e me deixar cair no vazio assim como nesses que antecedem o sono, mas nesse o buraco não acaba com o susto..

*

Você toma a sopa de pedras e pregos enferrujados

Com tanta satisfação

Que eu quase acredito

Que tudo será como antes,

Eu mal posso manter as tripas no lugar
Eu apenas me sinto murchar
Mais e mais
Meu amor é hoje menor que ontem
Nossos supostos filhos
Rebentam e dissolvem em lágrimas noturnas
Eu queria apenas não ser tão dependente das suas atenções
Mas eu não quero outra carne na minha que não a sua
Agora eu sei.
Meus desejos intermitentes
São alucinações febris
Da minha mente doente
Eu tenho medo
Danço pisoteando meus soluços
Despojada de culpa e carregada de desespero
Preciso manter meus miolos no lugar
Meu amor é hoje menor que ontem
Mas eu ainda te amo fodidamente
Então eu tomo a sopa também

06/01/2019

*



LUCI

Detalhe de Rainha de nada II (Perda) e desenho de estudo

Colagem, acrílica e óleo sobre madeira

1,53mX57cm

2019

Em Rainha de nada II colo vários souvenirs de casal, sobre os quais escrevo frases de desamor e o poema a cima, em seguida pinto meu autorretrato tendo nos braços meu filho não nascido, só sonhado. Retrato de expectativas, confiança e sonhos quebrados.

*

Despedida

Enquanto adubava com lágrimas

A minha velhice

E o sal se acumulava em meu rosto formando crostazinhas

E a mágoa tecia de violeta, agasalhos para os meus pobres olhos cansados

Você punha sobre mim seu olhar desapaixonado

E alguma coisa muito fundo em você

Sussurrava um “eu te amo”

Que ecoava pela casa inteira

Mas você não podia ouvir.

25/08/2019

*

*

Como uma criança que se agarra à mãe quando sente medo

Ele abraçou meu ventre (casa vazia)

Eu era amada

Beijou-me com gosto de saudade mas também de despedida

Derramou-se sobre minhas costas

Adormeceu em meus braços outra vez

Tivemos então alguns minutos de paz

Alguns minutos...

Depois... aquele murro no estômago

O disco parou, mas a música continua a tocar na minha cabeça

Mas só na minha (eterno)

Faltam-me pedaços

Tudo que lhe dei e não voltará pede regresso

Faltam-me pedaços

Feridas que estancam mas não criam casca

E sangram de novo a cada toque

Às 05:25

Faltam-me pedaços

30/08/2019

*

A cima, dois poemas que falam do vazio deixado por um relacionamento que terminou sob circunstâncias difíceis, versos que cantam saudade e dor que dão origem a Rainha de nada III (Vazio). Autorretrato sem olhos que revelam o vazio da alma, a pele pálida denuncia uma doença. A rainha coroada por espinhos. Ainda há uma outra possível leitura semelhante há outro autorretrato do mesmo ano onde reapareço sem olhos, ou seria com olhos voltados para dentro? Mais uma vez falo aqui da procura por si mesma, do mergulhar no inconsciente como em Uma cadela latino-americana de 2018.



LU.CI

Autorretrato do início de 2019 e outro autorretrato de 2018 (Cadela latino-americana) e suas respectivas referencias fotográficas



LU.CI

Rainha de nada III (Vazio)

Óleo sobre metal

28X41cm

2019

*

Há 27 dias que não encontro paz
Há 27 dias que eu morro ininterruptamente
Eu já sabia que droga era o amor
Mas desconhecia
A incomensurável capacidade de abstinência
Há 27 dias que eu morro
Como se viva estivesse
Tenho 27 mas sinto como se 270 fosse

São 4 da manhã
Queria estar subindo e descendo em você
Sufocando nos teus lábios
Minha perdição
Você provavelmente
A esta hora dorme docemente
Com seu membro ereto como de costume
Mas essa dádiva eu já não sinto.

21/09/2019

*



Detalhes de dois trabalhos, Sem título e Charry Bomb, de 2019, onde trato a hipersexualidade com uma máscara burlesca.



Foto da minha Participação recitando e expondo no Sarau D4, evento de arte erótica que ocorreu em 2019 no Palco Lapa 145.

*

Férias

O chão do quarto coberto de confetes

Não gosto de carnaval

Mas vou beber mesmo assim

No dia seguinte vomito as tripas

E você diz que eu fico linda ajoelhada ao lado da privada

Isso não me faz sentir melhor.

Debruçada na janela sob a luz da lua

Nua, você me fode por trás

E sob a garoa gelada um vizinho espia do outro lado da rua

Eu acho graça e você perde o tesão.

Nós brigamos e eu choro

Choro até não poder mais

Até meus olhos incharem tanto que mal posso abri-los

O gozo é a bandeira branca flamulando

Mas no dia seguinte minha cara inchada

Ainda me lembra a mágoa.

27/02/2018

*

*

-Eu te quero tanto, Luci – ele disse

E eu falei, para dentro, porque quase sempre é como se eu não tivesse voz

-Ah, eu queria vender alguns quadros

O suficiente para pagar um aluguel e me embriagar todas as noites;

Sonhando um pouco mais alto

Eu queria conhecer a Romênia e o interior da França

Ver de perto as obras dos meus pintores favoritos

E também ler todos os livros do mundo;

Eu queria morrer em breve ou talvez

Não envelhecer além daqui.

Eu queria saber nadar e voar também

Mas literalmente, porque com a mente eu sempre voei

Eu queria muitas coisas mais

Mas por agora, eu queria mesmo uma cerveja gelada e um estalar de dedos

Aquele outro que fodeu meu coração

Ele e seu pau ereto

Com seu brilho metálico

Como uma arma carregada apontada para mim

-É uma pena, não estou disponível- Foi tudo que eu disse na verdade.

19/06/2019

*

Os poemas a cima são carregados do falso espírito burlesco, por baixo do qual se esconde uma profunda melancolia, essa dualidade está presente em boa parte dos meus trabalhos. O díptico Rivers é um retrato perfeito dessa instabilidade emocional. Rios de gozo, rios de dor, o desejo sexual em instantes se transforma no desejo de morte. O sexo é um escape que não dura muito.

O ultimo poema se deu após a leitura de um livro de Charles Bukowski que na maioria de seus poemas traz essa atmosfera pessimista e sexual, que se assemelha à minha escrita até certo ponto.



LU.CI

Autorretrato fotográfico para referência



LU.CI

Rivers

Óleo sobre madeira

40X65 cada placa

2019

Segunda Parte

*

Ao teu lado eu costumava
Sentir-me especial,
Tão confiante
Agora estou pequena, quase um nada
Mas eu estou me nutrindo de novo
Recuperando a confiança, mas não em ti
Eu ficarei bem
Porque minha força vem da terra
Vem das estrelas
E eu sou terra fértil para todas as boas sementes
Que a vida vier me dar
Eu vou em frente e o vento não me derruba
Antes me afaga, brinca com meus cabelos
Meus braços serão também asas
Eu irei confiar em mim de novo
Minhas ancestrais têm raízes profundas
Minha mãe tem águas insondáveis
Minha força vem da terra
Vem das estrelas
E eu danço com o vento e a chuva
Faço amor com a natureza

Eu sou terra fértil para todas a boas sementes

Que a vida me dará.

15/11/2018

*



LU.CI

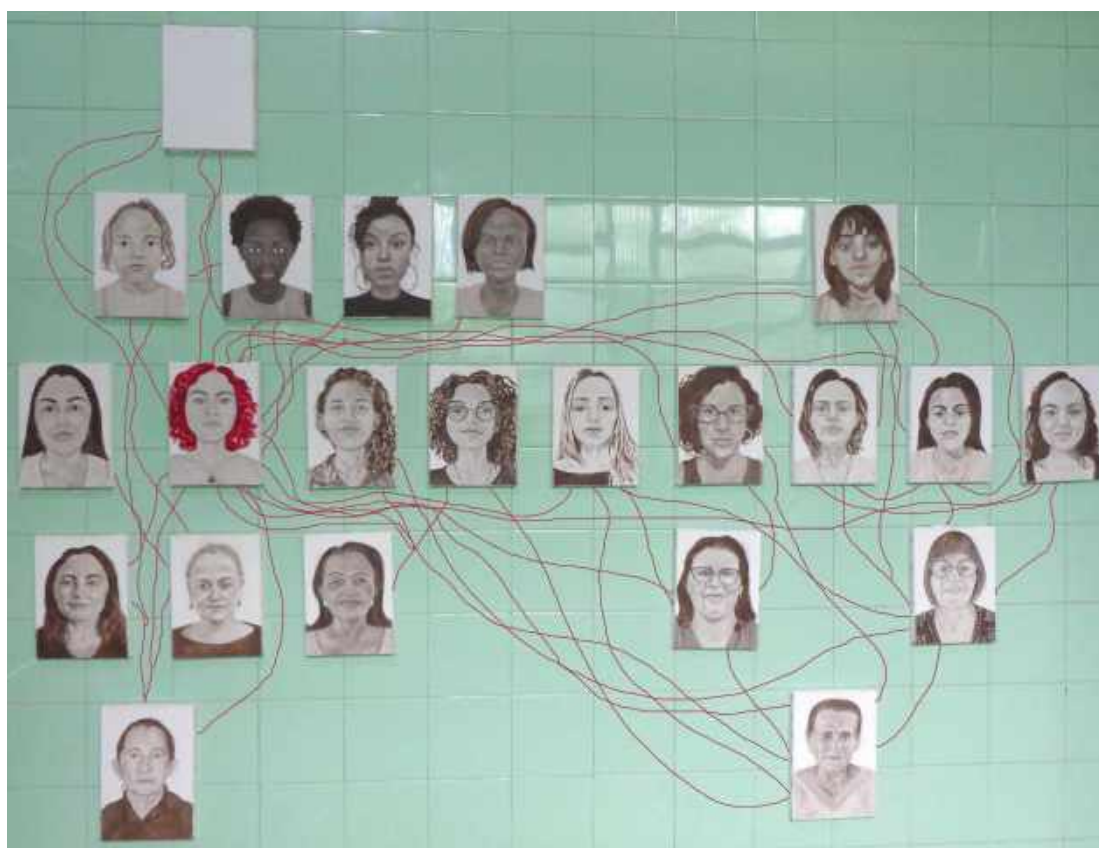
Mulheres fortes

Acrílica e linha sobre lona crua

68X76

2019

Depois de muito tempo ter escrito este poema surgiu Colcha de retalhos, que é uma pintura que fala sobre o suporte que cada mulher dá a outra, é sobre a capacidade que a mulher tem de se juntar em pedaços e se refazer, e essa reconstrução se torna mais fácil quando estamos juntas, aqui a lona crua é a própria mulher feita em pedaços, suturada pelas mãos de suas irmãs, nesse gesto tão comumente associado ao um fazer feminino, assim como o colo de mãe que tudo cura.



LU.CI

Marias, Mulheres da minha vida

Instalação de telas pintadas á óleo e fios de linha

2 telas de 16X24 e 20 telas de 16X22

2019/2020

À algum tempo eu desejava fazer uma série de retratos das mulheres da minha família, mas só depois de uma experiência espiritual que tive na umbanda, que ocorreu no fim de 2019 é que decidi começar “Marias, Mulheres da minha vida”. Uma entidade chamada Maria Navalha me disse coisas que me tocaram profundamente e me fizeram reviver meu amor próprio, entre elas, me disse para lembrar de onde eu vim e das mulheres que vieram antes de mim, da força das minhas ancestrais, reforçou o sentimento presente no ultimo poema e me fez lembrar que eu sou forte. Então eu dei início aos retratos das mulheres com quem eu mais me identifico ou que me inspiram na minha família, mas também mulheres com as quais não tenho vínculo sanguíneo, mas que de alguma forma me nutriram e me fizeram quem eu sou hoje.

Relicário começou a ser desenvolvido sem que eu soubesse que viria se tornar meu TCC, e quando eu resolvi que seria ele, custou muito a escrever sobre, não queria que parecesse tão pessoal, mas por fim eu decidi apenas ser verdadeira com meu trabalho e escrever o que ele é exatamente, é minha vida e o motivo dela. Lendo algumas entrevistas de artistas no livro de Karina Kuh, Diálogo com a Arte Moderna, descobri algo onde eles foram unânimes, todos falavam de si mesmos em seus trabalhos. Minha pesquisa sou eu mesma, pintura e poesia unidas em busca do auto-conhecimento. Todo meu trabalho demonstra a forma como eu concebo minha relação com o mundo e comigo mesma. Com a união da arte, espiritualidade e anotações dos meus sonhos, eu me aprofundei em mim mesma e olhei meus demônios de frente, conhecer à si mesmo é um processo por demais doloroso, mas também grandioso e lhe possibilita uma transformação mas também uma auto-aceitação, hoje eu compreendo que dos amores, o próprio deve ser sempre o primeiro e consigo ver toda a minha potência.



LU.CI

Cuscuz para dois

Óleo sobre assento de madeira

31 X 39 X 42,5 cm

2018



Foto tirada por mim por volta de 2019, reflete o voltar-se para si.

Citações:

Pág9: *Obra “Art is a guaranty of sanity” de Louise Bourgeois.

** Frida – A Biografia (Hayden Herrera), cap. 16, pág. 189.

Bibliografia

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. -- (FILÔ/Bataille).

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Notas do Subsolo*. Porto Alegre: L&PM, 2012. --(L&PM POCKET; v.670).

ESPANCA, Florbela. *Poesia de Florbela Espanca vol.1*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

ESPANCA, Florbela. *Poesia de Florbela Espanca vol.2*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

HILST, Hilda. *De amor tenho vivido/ Hilda Hilst; ilustrações de Ana Prata*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KAUR, Rupi. *Outros jeitos de usar a boca*. 15ª ed. São Paulo: Planeta, 2017.

KAUR, Rupi. *O que o sol faz com flores*. 9ª ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

WOOLF, Virginia. *Orlando - Uma biografia*. São Paulo: Círculo do livro, ano (?).

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e Castigo vol. 1 e 2*. São Paulo: Abril, 2010. -- (Abril coleções vol. 1)

TOISTÓI, Leon. *O diabo*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

MÁRQUEZ, García. *Cem anos de solidão*. 103ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. 61ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. 77ª. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

TOSTÓI, Leon. *Ana Karênina vol. 1 e 2*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

AKHMÁTOVA, Anna. *Antologia poética*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

SZYMBORSKA, Wislawa. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SZYMBORSKA, Wislawa. *Um amor feliz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KUH, Katharine. *Diálogo com a arte moderna*. Rio de Janeiro: Editora Lido, 1965.

